

## APRESENTAÇÃO: CLÁUDIO NO CEAS

Joviniano S. de Carvalho Neto

### 1. HOMENAGEM E CONTRIBUIÇÃO

A publicação contendo os textos assinados por Cláudio Perani nos **Cadernos do CEAS** é merecida homenagem a quem coordenou e inspirou o Centro de Estudos e Ação Social (CEAS) por muitos anos (presencialmente de 1968 a 1995) e, mais do que isto, uma grande contribuição para todos aqueles que procuram atuar, na Igreja ou nos movimentos sociais, a serviço do protagonismo do povo, dos pobres, dos marginalizados. Para sacerdotes, pastorais, assessores, lideranças e militantes fornece elementos para análise e planejamento de suas ações, parâmetros de julgamento da eficácia, na perspectiva de fermento e semente de um mundo novo, justo, igualitário, fraterno. Ou, em termos explicitamente religiosos, para quem atua na história, procurando reconhecer os sinais dos tempos e desenvolver as primícias do Reino de Deus.

O objetivo de contribuir para o maior florescimento da Igreja dos pobres e a seu serviço e ao maior discernimento e fortalecimento dos movimentos populares perpassa todos os textos apresentados, ao ponto de os textos incluídos em uma categoria (**Igreja Popular, Movimentos Populares e História e Opções da Igreja**) por ênfases e objetivos predominantes poderem, sem grande prejuízo, serem utilizados para reflexão nas outras. A posição e o pensamento de Cláudio evolui (os textos cobrem o período 1974–2007) em torno do mesmo eixo e fio condutor.

### 2. ALÉM DO CEAS

Ressaltando a importância da reunião dos textos que corporificam este pensamento, e antes de antecipar algo do seu conteúdo e significado, cabe fazer uma importante ressalva: estes textos não apreendem todo o pensamento e ação de Cláudio Perani. Aqui cabem duas observações. A primeira é que não representam toda a sua produção e ação no CEAS; para esta edição foram reunidos apenas textos assinados por Cláudio – quando, no início dos Cadernos, em nome da constituição da equipe e do enfrentamento da ditadura, optou-se por textos não assinados e de responsabilidade coletiva, editorial. Além de elaborar e participar da elaboração de textos, sua ação como coordenador e líder foi fundamental em dois sentidos: fazer do CEAS um Centro que reuniu pessoas de diversas posições religiosas (algumas se acreditando ateias), políticas e ideológicas, em torno da luta pela efetiva democratização da sociedade; e influir, a partir do CEAS e da Bahia, na ação e organização da Igreja e dos movimentos sociais. Sua participação no Grupo “Moisés” (que, no Mosteiro de São Bento de Salvador–BA, reunia padres e leigos que procuravam auxiliar na travessia do deserto da Ditadura) e, em nível nacional, na criação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), são exemplos notórios de uma ação mais ampla, da qual os textos ora publicados são reflexo e instrumentos.

A segunda observação que se impõe é que existe um Cláudio antes e depois do CEAS. Reconhecendo isto, vendo os textos, ora publicados, como uma amostra, ainda que representativa e definidora, intitulamos esta apresentação de “Cláudio no CEAS”. É contribuição que se dá para a construção de imagem que outras organizações e pessoas, certamente, completarão.

Sobre o período anterior ao CEAS, consideramos fundamental destacar, sumariamente, dois fatores que, ao nosso ver, fornecem chave de leitura para o seu pensamento e ação: a participação na Ação Católica (AC) e sua interpretação do Concílio Vaticano II. Pe. Cláudio foi assistente eclesial da Juventude Universitária Católica (JUC), movimento da Ação Católica especializada, nos inícios dos anos sessenta. A aplicação do VER – JULGAR – AGIR e da “Revisão de vida”, para análise da realidade e formação dos militantes, métodos desenvolvidos pela Ação Católica (AC), eram elementos definidores da identidade do movimento. Pe. Cláudio vive e celebra o Concílio que incorpora perspectivas abertas pela Ação Católica. Na Europa, em 1967 (Bélgica e Roma), estuda e obtém o título de doutor em teologia. É um teólogo que opta pela pastoral e aplica o VER – JULGAR – AGIR. A articulação que faz entre o espírito e método da Ação Católica e o Concílio Vaticano II está expressa em livro de sua autoria, lançado em dois anos, aos quais associamos um papel simbólico.

“A Revisão de Vida instrumento de Evangelização. A luz do Vaticano II” foi lançado na Itália em 1968 – ano em que retorna ao Brasil e é designado para o CEAS – e, no Brasil, pela Loyola, em 1974, ano no qual aparece o primeiro dos seus artigos assinados no CEAS. É, ao que sabemos, o único livro de sua autoria exclusiva. Assim, é estratégico para conhecer o pensamento de Cláudio ao chegar ao CEAS. Nele, após reconstruir a “Revisão de Vida” desde sua origem, para atender demandas dos leigos na Juventude Operária Católica (JOC) e analisar, à luz dela, os documentos conciliares, retira três grandes conclusões. A primeira é a “clara convergência”: “Enquanto na revisão de vida é focalizado o cristão em função do mundo, no Concílio, toda a Igreja é vista em função do mundo” (p. 193). O caminho do fato ao Evangelho não exclui o do Evangelho à vida, mas o Concílio, “considerando o mundo em suas estruturas, vê o homem em seu centro, o homem dependente do ambiente, em relação social com os outros homens, o homem que se interroga e que penetra nas profundezas da sua consciência” (p. 193). Não há ruptura entre o humano e o sobrenatural. O caminho seria: mundo – homem – Homem Novo – Deus e, utilizando a revisão de vida, se deveria contar com uma visão de totalidade (transformar não só o indivíduo, mas todo o ambiente) e com o diálogo que permite descobrir o que há de positivo no interlocutor (p. 194). A segunda conclusão é teológica – valorizar como decisiva a encarnação, a imanência de Deus na realidade humana, a possibilidade de descobrir Deus partindo de baixo, incluir o mundo e a história humana como fonte, ainda que indireta, da revelação de Deus e do seu Plano. Desta concepção decorre a terceira conclusão “uma pastoral que preste atenção à vida, em contacto com a vida, que investigue os sinais dos tempos e interpele os acontecimentos (...) que parta do conhecimento do ambiente social e do reconhecimento dos valores nele presentes”; “profética, que saiba ver o sentido último das coisas” (p. 196). Esta base ajuda a explicar o teólogo que optou pela pastoral, pela imersão no povo em um trabalho da assessoria, dialogando, fertilizando, lançando sementes, apoiando a consciência e organização que dele nascia.

A avaliação de ação de Cláudio é, também, auxiliada pela sua inserção no tempo. Sua atuação ocorre em dois momentos bem distintos da história do Brasil e da Igreja. No primeiro, se defrontavam, de um lado, a renovação da Igreja, ampliada pelo concílio Vaticano II que priorizava os pobres e, de outro, a Ditadura Militar, originada de golpe, justificado pela defesa da civilização cristã ocidental, que identificava como “comunismo” a luta pelas mudanças sociais. É o período em que, contra a ditadura, se estrutura ampla frente pela democratização que, a Igreja Católica assume o papel da “Voz dos que não tem voz” e, nela, se destacam mártires, santos e profetas. O segundo inicia-se na década de 1980, e especialmente após a queda do Regime Militar (1985). No Brasil, os movimentos sociais se defrontam com as limitações da democracia contida no político-institucional, com os riscos da cooptação, com a necessidade de descobrir novos caminhos em momento de certo refluxo e o que para alguns, (a posição de Cláudio não era exatamente esta), aparece como dispersão. Na Igreja, a renovação do Concílio Vaticano II, ampliada por Medellín (1968) e mantida por Puebla (1978) defronta-se com limites e alguns recuos em nome do restabelecimento da “disciplina”, da uniformidade e do esforço da Cúria Romana para retornar ao esquema tradicional de análise no qual a “iluminação teológica” precede o Ver (cf. São Domingos – 1992).

Os artigos apresentados permitem entrever como Cláudio enfrentou os desafios dos dois momentos. Após estes enquadramento, cabe apresentar, resumidamente, o conteúdo da publicação.

### **3. IGREJA POPULAR**

Esta parte, reúne 6 artigos elaborados em momentos históricos distintos.

Nos três primeiros, na década de 1970, período de enfrentamento do regime militar e da ida de religiosos para as bases, sua preocupação é com uma igreja que nascia do povo. No primeiro, *Religiosidade popular e mudança social* (1974), procura responder se esta religião é libertadora ou alienante e identificar os princípios pastorais que deveriam orientar o trabalho da Igreja. Reconstitui as avaliações vigentes, mostrando que, na relação com ela, se deveria optar entre linha evolutiva reformista ou de ruptura. Mantendo o caráter transcendente da fé, mas considerando que a intervenção de Deus se dá neste mundo e nesta história, relembra os condicionamentos sociais de religião popular, propondo que se reinterprete os dados religiosos, busque-se novas formas de expressão, prevendo que, da luta pela mudança social e

estruturação de nova sociedade, emergirá a formulação de nova religiosidade. O título *A ação da Igreja nas bases: da integração a libertação* (1974), sintetiza o objetivo do segundo. A integração de religiosos ao meio popular levava a novas formas de trabalho, dentre os quais o das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Assim, analisa o “viver com a base”, identificando motivos, méritos, obstáculos; propondo revisões contínuas da prática, com instrumentos das ciências sociais; prioridade para a ação crítica visando a libertação de oprimidos que, ao menos no início, teria o apoio de educador vindo de fora, que os ajudasse a reconhecer melhor suas necessidades e lutar para alcançá-las. Em *Comunidades Eclesiais de Base: alguns questionamentos* (1978) parte da expressão e importância a elas atribuídas como instrumento de renovação da Igreja e aumento da consciência política. Após identificar as características principais das CEBs, apresenta elementos de avaliação e questionamento de sua ação. A opção preferencial pelos pobres implicaria na abertura para temas sociais e políticos, desenvolvimento da consciência crítica e revisão de critérios.

Dois artigos – *Pastoral Popular: poder ou serviço?* (1982) *Novos rumos da Pastoral Popular* (1987) respondem a problemas colocados pela redemocratização e término do regime militar, fim do bipartidarismo (1979) criação do PT (1980) e da CUT (1983), abertura para militantes no movimento sindical, eleições diretas para governadores (1982, 1986) campanha pela Assembleia Nacional Constituinte (1985/86). Em “Pastoral popular: poder e serviço”, avalia, inclusive teologicamente, a entrada do discurso político na Pastoral após a reorganização partidária e as eleições. Levanta as questões debatidas e recorre à Bíblia para explicitar a relação entre fé e política. Formula, então a proposta de uma pastoral de serviço que buscava o contato com as massas e suas necessidades, ofereceria solidariedade efetiva nos locais de conflitos, seria mais de troca que de articulação, não teria propostas pré-estabelecidas, apoiaria outras organizações e mobilizações sem visar favorecer diretamente a Igreja (grifo de Cláudio), cobraria, a partir de baixo, aos partidos e movimentos. Em *Novos rumos da Pastoral Popular* apresenta, a partir do Nordeste e do 6.º Encontro Interestadual de CEBs (julho de 86) sua visão da conjuntura e desafios. O crescimento das CEBs, a abertura para trabalho em associações e sindicatos (preferência pela CUT) e para trabalho em época de transição política, a intervenção mais explícita de autoridades eclesiais, teriam gerado crise nas CEBs entre os que investiam mais na prática bíblico-religiosa e os que se abriam para outras frentes de luta. Identifica uma transição pastoral e apresenta os impasses existentes. Avaliando, retoma análise teológica feita no artigo anterior, para aprofundar a relação dialética entre fé e política que seguem lógicas diferentes. A presença pública da fé poderia se apresentar sob a forma eclesial, política e ecumênica, a qual prefere, e que se caracterizaria pelo diálogo sem modelos pré-estabelecidos para a ação. Propõe repensar as CEBs na linha do pluralismo pastoral, estrutura participativa e abertura política para sustentar o pluralismo no campo popular.

O último texto desta parte – *Apostolado Social na Amazônia* (2007) – reflete a mudança geográfica, institucional e de tempo histórico. Cláudio fala a partir da Amazônia e como diretor do Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social (SARES), onde adaptou o serviço aos pobres e à Igreja, às necessidades da região. Na “Equipe Itinerante” por exemplo, padres, freiras e leigos, visitavam, de barco, as comunidades ribeirinhas. Em outra frente, o centro sentiu a necessidade de ultrapassar a assessoria para preparar, formalmente, atores para a ação. Historicamente, o artigo reflete a constatação de que o modelo neoliberal aumentou o abismo entre elite rica a maioria explorada e a necessidade de esforço político por uma nova sociedade. Enfrentando este desafio propunha um passo além do acompanhamento e apoio às lutas populares: acrescentar à formação informal uma educação formal, com escolas gratuitas e cursos oferecidos a todos os interessados na mudança social, sem discriminação religiosa ou partidária, ultrapassando os limites dos apostolados tradicionais e utilizando o melhor da cultura política. Cláudio demonstra que a ação e o diálogo com os de fora da Igreja e os diferentes não esvaziaria a fé, mas seguiria, melhor, a metodologia de evangelização de Jesus.

#### 4. MOVIMENTOS POPULARES

Seis textos sobre questões colocadas desde a transição do Regime Militar até os meados do primeiro governo Lula.

*O movimento dos trabalhadores e a CUT* (1982) parte da constatação de que a evolução de 1978 a 1982, dando maior visibilidade as tendências ideológico partidárias, colocara novos

desafios ao movimento popular. Sem perder a referência com a luta concreta das classes populares se deveria aprofundar a análise. Para ela, contribui, focalizando as iniciativas para criar a CUT – Central Única dos Trabalhadores. Reconstitui o surgimento da CONCLAT – Conferência Nacional dos Trabalhadores, em congresso importante, mas sem grande repercussão na população voltada para as eleições, e que não mobilizou a base. Cláudio examina a desmobilização e o refluxo do movimento dos trabalhadores, apresentando e relativizando as hipóteses vigentes, defendendo que se deveria pensar, não em avanço/recuo, mas em ritmos e valorizar o cotidiano. O trabalho apresenta as duas grandes correntes que polarizavam as vanguardas sindicais as quais deveriam ser avaliadas pela ação concreta. CONCLAT e CUT, conclui, deveriam ser vistos como instrumentos de politização e organização e se deveria reconhecer a diversidade dos caminhos, espaços e instrumentos das lutas, ouvir mais as bases, crescer a partir de baixo, descobrir alternativas na luta concreta. Em *Pastoral Popular e assalariados rurais*, (1984) a partir do encontro das CEBs e da Assembleia Geral da Comissão Pastoral da Terra (CPT), reconhece a importância da luta pela terra e dos posseiros, mas aponta para a problemática e desafios dos assalariados rurais, categoria em expansão. Reconstitui a situação dos “bóias frias” (no algodão, cacau, café, cana, construção). Busca as razões da insuficiente presença e experiência da Igreja junto a estes assalariados. No agir, defende maior inserção; atitude de solidariedade; não se apressar em explicitar sinais religiosos, relacionar, concretamente, terra e salário, avaliar papel dos sindicatos rurais. Em *As lutas contra o desemprego* (1986) parte da angústia e desorientação, vistos em encontros das CEBs, grupos de periferia urbana e trabalhadores rurais. Aponta respostas individuais e organizacionais ao problema, endossando a elaboração de pautas de reivindicação.

Em *Notas sobre Educação Popular* (1986) avalia Congresso organizado pelo “Movimento Leigos para a América Latina” sobre a contribuição das experiências de Educação Popular (EP) para a transformação das instituições da sociedade civil. Mostra a diversidade dos participantes; a definição do EP; o papel do povo, contraditório e em articulação e para qual se desenvolvem metodologias e idéias forças. A partir daí, questiona teorias vigentes enfatizando necessidade de repensá-las a partir do desenvolvimento da consciência e organização popular. A EP teria papel político, seria espaço de relação dialética com movimento popular que ajudaria a repensá-lo, na linha de táticas mais representativas e democráticas que combinassem descentralização e articulação. Conclui pela importância do EP valorizar o cotidiano e pensar globalmente.

*Sobre as eficácias* (1994) será duradoura e nacionalmente utilizado. Abre com evento no qual ação dos apóstolos rompe estrutura marginalizada, para avaliar o problema das eficácias das ações que pretendem mudar o mundo. A conjuntura brasileira exporia, dramaticamente, a necessidade de ação imediata contra a fome. Propõe esquema para avaliar as iniciativas no movimento popular. Enquadra e analisa as experiências libertadoras, enquadrando-as em três categorias conforme privilegiassem a preocupação econômica, a articulação política, a gratuita presença e acompanhamento. Conclui pela necessidade de aprofundar o caminho escolhido reconhecendo vantagens, limites e questionamentos; favorecer redes de articulação de eficácia alternativas. O critério fundamental de avaliação da eficácia seria a confiança nos excluídos. Para cada categoria apresenta critérios específicos. Conclui lembrando a importância da gratuidade que teria particular eficácia, pode favorecer energias insuspeitas, criar novas experiências e autonomias.

*Movimentos Sociais hoje no Brasil: breves reflexões* (2004) foi elaborado quando de seminário organizado pela Companhia de Jesus, com presença de movimentos sociais. Diante da realidade dos movimentos sociais propõe atitude de discernimento a partir de contacto e escuta dos mesmos. A concepção de movimento social conflita com o neoliberalismo que, para ser enfrentado, necessitaria de novos paradigmas de análise. Diante da crise dos movimentos sociais (ou das teorias sobre ele) apresenta os problemas que estes enfrentam. Conclui com perspectivas para a ação: avaliação contínua, busca da unidade, investimento na formação, vivência e ética.

## 5. HISTÓRIA E OPÇÕES DA IGREJA

Compreende oito textos, sete artigos e entrevista sobre os 25 anos dos CEAS. Articulam-se com os anteriores, mostrando a unidade do pensamento.

“Bispos de Amazônia: a conversão ao posseiro” (1975) reflete encontro de bispos e religiosos sobre a Amazônia para definir diretrizes diante das migrações e conflitos entre empresas agropecuárias e posseiros. O artigo é uma avaliação “teológico-pastoral” da terra como lugar teológico e as dificuldades que se colocam à eficácia da ação profética dos cristãos.

Em *Pobres e ricos* (1977) enfrenta os que reagem à opção pelos pobres em nome do universalismo de salvação e do mandamento do amor. Apresenta esta posição como ideológica, relembra posições bíblicas sobre conflito, riqueza e pobreza. Conclui que a aceitação do Evangelho segue caminhos históricos, a solidariedade com os pobres é o único caminho, o amor é revolucionário e deve assumir o conflito.

Em *Libertação e Espiritualidade* (1980), diante da Igreja dos pobres que nasce na América Latina, reflete sobre experiências de pessoas da Pastoral Popular, reconstitui seu itinerário desde o contato concreto com a opressão até a conversão a uma espiritualidade que, com Deus, questiona a realidade. No julgamento da realidade utiliza novas leituras sobre Jesus Cristo, Igreja, Sacramentos. Conclui que o alvo é o aumento da “vida” e o aprofundamento da fé que enfrentará as contradições pela referência ao povo e suas lutas concretas.

*O Papa na América Central* (1983) enfrenta a instrumentalização da viagem pelas forças direitistas e “grande” imprensa. Resume os discursos do Papa, cujos temas e linguagem muito teológicos, genéricos e abstratos visavam fortalecer a unidade da Igreja, mas que tiveram boas e más aplicações aos casos concretos. Analisa, criticamente, as falas do Papa que defende os pobres e a necessidade da justiça, ao tempo que alerta para os riscos, critica às ideologias capitalista e marxista, manifesta-se contra a violência e a luta armada. A conclusão é que a Igreja local não deverá tirar conclusões indevidas e aplicar a princípios do Papa, a partir dos resultados positivos alcançados pela luta popular.

*Igreja no Nordeste: breves notas histórico-críticas* (1984) foi modo de comemorar os 15 anos dos Cadernos do CEAS, lembrando a importância do Nordeste para a mudança da Igreja no Brasil. Apresenta, em visão crítica, “antes de 1964”, o surgimento de uma igreja preocupada com o povo e, “depois de 1964”, uma igreja mais popular. Avaliando, faz questionamentos sobre o poder na Igreja, papel das CEBs, riscos de politização da Pastoral. Conclui vislumbrando três perspectivas na Pastoral Nordestina – Renovação interiorizante, militante e, a sua preferida, a atitude ecumênica.

A duração da caminhada é parte da conclusão de *Rumos da Igreja no Brasil* (1985). Após confirmar, na Missão da Terra, em Bom Jesus da Lapa, que uma Igreja renovada tinha nascido, enfrenta os desafios da “Nova República” e da “involução”, no processo desencadeado pelo Concílio Vaticano II, para a continuidade da caminhada. Propõe volta a eixos de Medellín, reconhecimento do novo nas relações com o governo, sem abandonar ou substituir os pobres, investir mais na Pastoral Popular e teologia que assuma a linguagem dos pobres, diálogo com as ciências sociais, colaboração ecumênica, priorização do povo de Deus na linha de mudança da estrutura piramidal da Igreja para uma mais circular e fraterna.

Por último, dois textos sobre o CEAS. Em *25 anos de Cadernos do CEAS* (1994) Cláudio foi um dos três entrevistados. Como foi transferido no ano seguinte, foi avaliação praticamente no fim do seu período no Centro. Nela o leitor pode conhecer motivos de criação do CEAS, etapas da evolução até 1994, influências teóricas, posições e linhas de trabalho. *CEAS: saudoso e saudável* (1997), foi publicado no aniversário de 30 anos do CEAS. Na primeira parte relembra o que recebeu no Centro e lhe permitiu aprofundar sua interpretação do Evangelho e prática de Jesus. Na segunda, defende a continuidade de reflexão teórica que ajude os setores populares e propõe maior investimento no estudo e apoio aos milhões de excluídos para o que se necessitaria de contato contínuo, reflexão que penetre no cotidiano, aposta na inteligência e inventividade dos mais fracos. Conclui com frase que resume sua própria vida: “É um grande desafio. Mas, vale a pena”.

## 6. MÉTODO E TESTEMUNHO

A apresentação sumária deixa para o leitor a riqueza dos textos, mas baseia duas conclusões.

Quanto ao método, a leitura comprova que Cláudio usa o VER–JULGAR–AGIR. Parte, sempre, da realidade e seus desafios. Avalia utilizando contribuições da teologia, Ciências Sociais e marxismo. Propõe integração na luta dos pobres, em postura ecumênica, de escuta e diálogo, visando o aumento da consciência e organização do povo.

Para todos os que o conhecemos, relembra que seu método foi sua prática, sua vida. E nos permite concluir pela sua importância para a Companhia de Jesus, para a Igreja Católica e para o povo brasileiro.